

Congresso votará de olho na sucessão

22 JAN 1988

Villas-Bôas Corrêa

O Congresso ainda não teve tempo de esfriar a cabeça e parar para pensar. É natural: atropelado pelo *Plano Verão* em plena lombeteira do recesso, com seus presidentes em final de mandato e dispersos pelo mundo, lideranças em véspera de substituição, além da fragilidade partidária e do clima anárquico a que se habituou desde a Constituinte, a primeira reação misturou surpresa e irritação e fermentou no caldo da animosidade quase consensual contra o governo, canalizada pela ojeriza ao presidente José Sarney.

Antes da maturação política foi necessária a catarse para aliviar a má vontade e expelir ressentimentos da maioria contra o governo impopular, responsabilizado pela derrota eleitoral do PMDB nas urnas do último 15 de novembro. Depois, há muito o que acertar nas miudezas dos prazos, da montagem de uma interpretação que desborde a rígida imposição da aprovação em bloco ou da rejeição maciça e facilite a apresentação de emendas, desobstruindo as vias da negociação.

Essa é ainda a fase de exaltação, na qual se destacam os afoitos e extremados.

Mas, a hora do bom senso e do alinhavo das decisões não tarda. Os titulares que efetivamente articulam e viabilizam soluções estão ocupando seus lugares e expelindo suplentes, ávidos de publicidade.

Pouco a pouco as águas sere-

nam e senadores e deputados serão convocados a um raciocínio político, necessariamente engatado na sucessão presidencial: tão próxima, a menos de 10 meses, que entra no pacote como seu componente principal.

A maioria identificável no plenário em rebulição, tem à sua disposição, para avaliação e referência, duas lições recentes. A primeira, em 86, provou até demais, que eleição em tempo de euforia, com o povo numa boa, distribui o voto na velha, clássica e conhecida arrumação de ampla vantagem para a banda conservadora. O Congresso registra menos de 20% à esquerda; o que se pode chamar de centro, na variedade das suas subdivisões, vai além de 80%. O voto do logro do cruzado inflou o PMDB, sobrou para o PFL, até para o PL, PDS, PTB. E chamuscou as expectativas do PT, lapidou Brizola com a derrota tonteante aqui no Rio.

Na Constituinte as coisas mudaram: em cenário altamente politizado, o governo em baixa, sugado pela inflação, derrubando Sarney do alto dos índices recordistas de popularidade para o porão das vaias da rejeição, a superioridade da maioria conservadora, corroída pela identificação com o governo e o fracasso, não resistiu às habilidades dos acertos com a esquerda.

A comprovação didática viria logo depois, nas eleições municipais de 88. O furação que arrazou o PMDB, e pousou dona Erundina na prefeitura de São Paulo e Olívio Dutra na de Porto Alegre, não caracteriza virada ideológica. Mas o voto da raiva, da decepção, do desespero. O voto que busca

as propostas mais radicais para a tradução do seu inconformismo, da sua revolta. o voto colérico.

Ora, a sucessão está aí mesmo e seus sinalizadores piscam com intensidade, indicando rumos. Lula não está contra o *Plano Verão* porque prefira tritar ao frio do inverno nem Brizola esbraveja e ameaça inspirado em análise séria dos inconvenientes do congelamento de preços ou dos apertos salariais.

Os presidenciáveis que tentam a classificação para o segundo turno correndo o primeiro turno, na faixa à esquerda sabem que suas chances serão maiores se a campanha puder ser tocada contra o governo em desgraça. Pois não foi assim agora, a pouco mais de dois meses?

A alternativa salta na sua evidência: o alívio da crise, um êxito razoável na contenção da disparada inflacionária altera a equação sucessória, puxando o eleitor para definir seu voto na coerência da sua inclinação ideológica.

O Congresso estimaria votar contra Sarney, contra o governo. Esse o estado de espírito da grande maioria. Mas os interesses políticos devem falar mais alto. E o provável é que o Congresso vote pelas suas razões. Desestabilizar o governo, no ano da sucessão, ameaça o fecho da transição democrática. E eleição com o governo amaldiçoado tange o voto do ódio para as ofertas radicais.

Por isso o PMDB rangindo os dentes, o PFL, o PDS, todo o balaio centrista aprovarão o *Plano Verão* e o PDT e o PT, fazem do barulho, votação contra. Quer dizer: a favor das candidaturas de Lula e de Brizola.